

Cláudia Pazos Alonso. *Francisca Wood and Nineteenth-Century Periodical Culture. Pressing for Change*. Oxford: Legenda, 2020.

Teresa Pinto Coelho
(NOVA FCSH/IHC)

Marginalizada, embora não totalmente desconhecida e estudada em Portugal, Francisca de Assis Martins Wood, constitui o tema do livro de Cláudia Pazos Alonso *Francisca Wood and Nineteenth-Century Periodical Culture. Pressing for Change*,¹ o primeiro a ser publicado sobre esta interventiva anglo-portuguesa que, inspirada por movimentos europeus e norte-americanos, defendeu, contra ventos e marés, os direitos das mulheres nos anos 60 de Oitocentos.

O estudo tem como *corpus* duas revistas² semanais concebidas e dirigidas por Wood: *A Voz Feminina*, publicada entre 5 de Janeiro de 1868 e 27 de Junho de 1869, e o periódico que lhe deu continuidade, *O Progresso* (4 de Julho-26 de Dezembro de 1869), contabilizando as duas publicações um total de 102 números ininterruptos.

1 Cláudia Pazos Alonso é Associate Professor of Portuguese and Gender Studies na Faculty of Medieval and Modern Languages da Universidade de Oxford e Fellow de Wadham College. Agradecemos-lhe a oferta da obra.

2 Não discutiremos aqui a problemática e debatida classificação “revista” / “jornal” referindo-nos sempre a estes periódicos como revistas, embora os respectivos títulos incluam a denominação “jornal”.

Na sua exaustiva e pioneira tese de doutoramento publicada em 2005, já Ana Costa Lopes³ havia conferido especial atenção a esta inovadora figura (assim, como ao seu marido inglês, William Thorold Wood), a quem dedicou muitas páginas demonstrando a importância da actividade jornalística de Wood no vasto conjunto por si estudado de mulheres portuguesas do século XIX que utilizaram a imprensa para obter a visibilidade que outros meios não lhes concediam.

Cláudia Pazos Alonso vai noutra direcção propondo-se enquadrar Francisca Wood num contexto transnacional (que, embora referido brevemente por Ana Costa Lopes, não constituía o propósito do seu estudo) e divulgando-a em língua inglesa, após haver constatado que a acção da jornalista tem vindo a ser ignorada em estudos estrangeiros sobre a história das mulheres europeias. Mas, Pazos Alonso vai mesmo mais longe celebrando Wood como um exemplo da primeira vaga de feminismo na Europa.

O primeiro capítulo do livro revela-nos surpreendentes dados biográficos até então totalmente desconhecidos sobre os Wood e os seus familiares. Seguimos a reconstrução da vida deste casal em Inglaterra através de uma pesquisa detectivesca conduzida maioritariamente por fontes digitais que inclui, entre outros, registos paroquiais, cadernos eleitorais, censos, inventários e testamentos.

O leitor interessado poderá seguir os avanços e recuos desta investigação minuciosamente descrita. Até agora, era conhecido que Francisca Wood havia vivido em Portugal até aos 14 anos, como consta em *A Voz Feminina*, indo depois viver para Inglaterra, não se sabe exactamente porquê. A pesquisa realizada desvenda não só as datas de nascimento e morte de Francisca (1802-1900), informação recolhida na lápide do túmulo do casal, sepultado (como seria muito provável) no Cemitério dos Ingleses, mas também as de William (1816-1888), que casaram em Londres em 17 de Julho de 1852 após terem vivido juntos, assim como muitos pormenores acerca da vida do casal em Inglaterra até se terem mudado para Portugal, crê-se que em 1858. Este fio temporal é

3 Ana Maria Costa Lopes. *Imagens da Mulher na Imprensa Feminina de Oitocentos. Percursos de Modernidade*. Lisboa: Quimera, 2005. Agradeço à autora a oferta do livro logo no ano de publicação.

essencial para se perceber o conteúdo do livro, ou seja, até que ponto Francisca terá sido influenciada pelo contexto político-cultural inglês e como este se encontra subjacente ao ideário de *A Voz Feminina* e de *O Progresso*. É o caso, por exemplo, da *Great Reform Bill*, de 1832, da abolição da escravatura em 1833, ou de movimentações femininas e publicações como o artigo anónimo “The Enfranchisement of Woman”, de Harriet Taylor Mill, dado à estampa na *Westminster Review* em 1851 e atribuído a John Stuart Mill.

A conclusão que extraímos enquanto leitores deste estudo é que Francisca regressa a Portugal imbuída de valores vitorianos, não dos comuns valores burgueses que geralmente atribuímos à sociedade vitoriana, mas de outros mais liberais, até mais radicais. Atesta-o, por exemplo, também o facto de haver visitado a prisão de Newgate na companhia de uma das primeiras defensoras de reformas nos estabelecimentos prisionais, Elizabeth Fry, ou de o casal se relacionar com pensadores como Robert Owen.

Este capítulo inicial é também importante por nos fornecer interessantes dados até agora desconhecidos sobre William Wood. Não se conhece o motivo que ditou a vinda dos Wood para Portugal, sobretudo, o que teria levado um homem inglês de classe alta, educado e culto deixar o seu país. Ana Costa Lopes havia avançado que o marido de Francisca já tinha parentes em Portugal, nomeadamente no Porto, que Julius Wood, seu familiar, foi pastor no Funchal, onde fundou a primeira comunidade protestante, e ainda que William era primo do bispo de Rochester.⁴ A assim ser, diria que seria de investigar as comunidades britânicas em Portugal, sobretudo, a do Porto (creio que seria a mais provável), como as de Lisboa e da Madeira no sentido de encontrar mais documentação. A mesma autora levanta a hipótese de a mudança de residência ter origem em motivos religiosos, nomeadamente a divulgação do Protestantismo. Quanto a Cláudia Pazos Alonso, pensa que o pai de Francisca, Narciso Martins, poderá ter ido para Inglaterra devido a razões comerciais.

4 Ana Maria Costa Lopes. “Religião e Género como Formas de Discriminação no Século XIX”. *Gaudium Sciendi*, 2 de Julho de 2012: 51.

Quando em Lisboa, os Wood abrem uma escola na Rua de São Domingos à Lapa, onde, entre outras matérias, ensinam Francês, Inglês e Português. Pelo que Cláudia Pazos Alonso nos revela, William Wood tinha estudado e Francisca fora professora de línguas em Inglaterra, o que me levou a pensar que talvez se tivessem conhecido numa instituição de ensino inglesa, ou mesmo já houvessem tido uma escola deles nesse país. Será que a morada londrina registada no censo de 1851, o qual revela que co-habitavam a sede dessa escola, tal como acontecia em Lisboa? Na capital portuguesa, o estabelecimento dos Wood leccionava também música, paixão partilhada pelos dois, mas que, no caso de William, era levada mais a sério pois, além de leccionar já em Inglaterra, ele próprio compunha.

Traçados alguns dos antecedentes e o contexto familiar, histórico e cultural que moldaram o pensamento dos Wood, o capítulo 2 delinea a paisagem cultural com que Francisca se depara quando do regresso ao Portugal da Regeneração, especialmente no que diz respeito à presença das mulheres na imprensa, evidenciando como as portuguesas de classe média não estavam ausentes do periodismo.

O critério escolhido foi seleccionar quatro figuras femininas: Ana Plácido, um dos poucos nomes proeminentes na época e muito estudada, duas mulheres conhecidas dos especialistas (basta ver a Bibliografia para nos apercebermos do que sobre elas tem sido escrito nos últimos anos) – Antónia Pusich e a portuense Maria Peregrina de Sousa – e uma personagem praticamente ignorada (nem se sabe quando faleceu), Josephina Neuville.

Foi a nova informação sobre Neuville que me surpreendeu e me parece aliciante. A autora analisa as suas *Memórias da Minha Vida: Recordações das Minhas Viagens* publicadas em 1864. Porém, mas fascinante ainda, estabelece interessantíssimos e inéditos paralelos entre a obra e *Os Maias*. Parece-me plausível a hipótese de Eça conhecer o livro de Neuville, tendo em conta, como Cláudia Pazos Alonso revela, que foi recensado logo em 1864 na *Gazeta de Portugal*, revista onde Eça se estrearia dois anos depois. Seja como for, as sobreposições entre o romance queirosiano e o texto de Neuville são muitas e absolutamente fascinantes. Para criar *suspense*, convido o leitor a descobri-las.

Após estes capítulos de índole contextual, são examinados mais detalhadamente os conteúdos de *A Voz Feminina* e de *O Progresso*. Começa-se por apresentar os periódicos, a editora/directora dos mesmos e o leque de colaboradoras / colaboradores para depois se centrar a análise na importância dos editais na crítica às ideias vigentes no Portugal da época. Finalmente, tenta-se reconstruir a rede transnacional em que Francisca Wood e as suas publicações se inserem.

Entre as muitas colaboradoras, Cláudia Pazos Alonso selecciona, como Wood, Guiomar Torresão, Maria Angélica de Andrade e Emília da Maia, já conhecidas do público, e as “novatas”: Anne Marie Caron, Lília Torres e Sofia Nesbitt Cunha, que se estreariam no periódico. De notar que Torresão, que contribuiria para *A Voz Feminina* durante 19 meses, sairia do corpo editorial da revista e em 1870 fundaria, como é conhecido, o *Almanaque das Senhoras* aproveitando contactos e colaboradores da revista de Wood (que nunca participaria no *Almanaque*) e anexando ao seu projecto figuras masculinas de renome como Castilho, Júlio Dinis, Bulhão Pato, Pinheiro Chagas (ou mesmo Eça...).

Ao longo do estudo menciona-se várias vezes a necessidade de as mulheres se associarem aos homens no mundo editorial jornalístico e literário e / ou de adoptarem estratégias masculinas (Torresão, Maria Amália Vaz de Carvalho, que recusaria o convite de Wood para escrever em *A Voz Feminina* alegando que era essa uma actividade para homens) para vingarem nesse universo marcadamente masculino e conservador. Teriam medo de manchar a sua reputação com o alinhamento num periódico que exprimia ideias não convencionais, incompreendidas, impensáveis e inexoravelmente atacadas numa sociedade conservadora e afastada dos movimentos europeus de que raramente chegavam notícias – ou, se chegavam, não eram lidas por uma população cujo índice de analfabetismo era muito elevado –, que não proporcionava às mulheres uma educação adequada reduzindo-as a seres amorfos e atemorizados, impedindo-as de pensar por si próprias e, como afirma peremptoria e provocatoriamente Wood, as enclausurava espiritual e intelectualmente nos ditames incontestados da Igreja Católica. Como se poderá calcular, não seria impunemente que fazia

circular estas ideias e será aí que reside o interesse desta figura pioneira que só poderá ser entendida dado o singular percurso que a levava a Inglaterra onde a designada *Woman Question* era debatida e a legislação consagrava muitas das transformações exigidas.

Os editoriais de Francisca, assinados ou não, listados no Anexo 2, são essenciais para se compreender os seus princípios pouco ortodoxos e compreensivelmente estranhos aos olhos da larga maioria da sociedade portuguesa dos anos 60. Como é conhecido, o editorial é um artigo fundamental num periódico para se conhecer a sua orientação. Wood utiliza-o para inculcar ideias identificadas pelos estudiosos dos movimentos femininos da Europa de então: as relações de género, a educação feminina, os direitos políticos das mulheres, nomeadamente o direito ao voto e o denominado *social purity movement*. Wood pugna por estes ideais, muitas vezes, provocatoriamente. Registe-se o ataque a uma sociedade patriarcal estimulada pela Igreja Católica. Será de notar, ao longo do século XIX, a existência em Portugal de uma movimentação contra os Protestantes, o que explica, em parte, a feroz acção do Marquês de Valada contra *A Voz Feminina* nas páginas do *Bem Público* acusando-a de pertencer à Maçonaria, hipótese que tem sido considerada, já que era o caso do seu sobrinho, Clarimundo Martins. Francisca não se intimida e responde denunciando o controlo que o Jesuitismo exerce sobre a mulher.

Poderemos surpreender-nos com a veemência da sua escrita mas, se, como referido anteriormente, os Wood poderiam ter vindo para Portugal com objectivos religiosos, então, diria que *A Voz Feminina* e *O Progresso* são mais do que porta-vozes do ideário feminista da época.

Wood defende também vigorosamente uma educação diferente para as mulheres portuguesas comparando o que se pratica em Portugal com o que se regista noutros países. De facto, e não só no respeitante a esta temática, é constante o traçar de paralelos com outras nações com o objectivo de legitimar as suas posições, principalmente com a Inglaterra, que conhece bem. O modelo inglês é frequentemente invocado, igualmente no que diz respeito aos direitos políticos das mulheres e às profissões que exercem, vedadas às portuguesas. Portugal é visto como um país atrasado e a jornalista não se coíbe de

desfiar um novelo de diatribes que lhe custariam caro. Acabaria por ter de encerrar *A Voz Feminina* e editar, com o marido, *O Progresso* para poder continuar a publicar. Paradoxal, para quem havia criticado a dependência feminina, mas perfeitamente entendível esta opção, no contexto da época.

Para reforçar e, sobretudo, potenciar o debate sobre as questões polémicas que aborda, adopta também como estratégia editorial a carta aberta dirigida a homens influentes. É o caso das cartas ao Papa Pio IX e ao dirigente republicano espanhol Emílio Castelar. Dois temas se destacam: a educação das mulheres e o direito ao voto. Na sequência das medidas tomadas pelo Ministro da Educação francês, o Papa havia-se pronunciado contra o franquear dos cursos académicos às mulheres. Quanto a Castelar, é enaltecido enquanto campeão da defesa da liberdade e, por extensão, capaz de compreender as reivindicações políticas femininas. A este respeito, Francisca cita o exemplo de homens e mulheres ingleses tendo, decerto, em mente o facto de John Stuart Mill haver apresentado ao Parlamento uma petição a favor do sufrágio feminino.

O último capítulo deste estudo é um dos mais interessantes coroadando o propósito de identificar Francisca Wood com ideias e movimentos transnacionais. A autora reconstrói uma rede de figuras, europeias e outras, defensoras dos direitos femininos, na qual insere Wood demonstrando que, se era uma voz praticamente isolada em Portugal, não o era se colocada num contexto mais amplo situado para além das estreitas fronteiras culturais e políticas lusas.

Nessa rede de contactos incluem-se Marie Goegg, feminista Suiça, que terá recebido notícia de Wood por Lydia Becker, secretária do *Manchester Suffrage Committee*, e André Léo, activista francesa. Porém, *A Voz Feminina* evidencia que Francisca terá tido notícia do que ocorria nos Estados Unidos, o que é revelado por uma carta aberta escrita por William a Theodore Stanton do jornal americano *The Revolution*. Stanton era filho da activista Elizabeth Caddy Stanton, uma das editoras do mesmo jornal que havia anunciado a criação de *A Voz Feminina* em 1868 reproduzindo o artigo da prestigiada revista *The Athenaeum*. Entre outras revelações, Pazos Alonso adianta também que poderia ter

havido contacto, ainda que indirecto, com Charles Wentworth Dilke, cuja família era proprietária deste periódico. Ficamos paralelamente a conhecer alguns dos títulos de jornais ingleses que os Wood consultavam ou, pelo menos, citavam, assim como de periódicos italianos, americanos, suíços, apercebendo-nos da vasta teia (que, provavelmente, ainda irá ser ampliada com investigação futura) de contactos que o casal terá desenvolvido e das leituras que terão empreendido para se manterem actualizados. Se, em Inglaterra, Francisca Wood havia bebido de inovações políticas e culturais que para sempre a marcariam, o esforço para continuar actualizada em Portugal deverá ter sido enorme.

O *Progresso* terminaria, mas a sua co-editora permaneceria activa durante algum tempo para depois sair inexplicavelmente de cena não sendo possível, até ao momento, saber para onde foi (regressaria a Inglaterra?) e a que se dedicou. O falecimento do marido deve ter constituído um grande golpe não apenas pessoal, mas no sentido de sobreviver à hegemonia da *camaraderie* masculina no mundo editorial e noutros. Porém, o que sabemos dela é já suficiente para percebermos até que ponto foi inovadora e porque terá incomodado muita gente.

De acordo com o critério estabelecido por Pazos Alonso, para trás ficaram outras áreas culturais de intervenção de Wood, compreensivelmente não incluídas no *corpus* deste estudo. É o caso de *Maria Severn*, romance que conheceria serialização incompleta nas duas revistas, mas integralmente publicado em livro, em dois volumes, pela Tipografia da *Voz Feminina*. A existência deste romance já era anteriormente conhecida, mas não a sua versão completa, que Pazos Alonso descobre na Biblioteca Municipal do Porto e a que dedicaria um interessante artigo relacionando-o com alguns autores da literatura inglesa da época.⁵

Outra documentação não considerada é, precisamente, a que diz respeito à mencionada Tipografia, que imprimia os periódicos e de

5 Cláudia Pazos Alonso. "A Newly Discovered Novel and Its Transnational Author: *Maria Severn* by Francisca Wood". *Portuguese Studies*, vol. 32, 1. 2016: 48-61.

que os Wood eram proprietários. Inicialmente (15 de Novembro de 1868-29 de Junho de 1869) denominada Tipografia da *Voz Feminina*, passaria a chamar-se Tipografia Luso-Britânica, o que lhe conferiria um carácter mais internacional. Vigoraria até 1877 tendo impresso mais de 90 títulos, como consta do Anexo I que Pazos Alonso inclui. Mereceria, por si só, um estudo.

Fica também de fora a vertente da tradução. Entre as obras impressas na Tipografia, encontramos, por exemplo, a tradução de *A Christmas Carol* e de *Armada*, em 1873. Contudo, o mais interessante e surpreendente é a hipótese levantada por Pazos Alonso que Francisca Wood possa ter sido a tradutora anónima de *Jane Eyre*, publicado durante seis anos (1876-1882), sob o título *Joana Eyre*, em *O Zoofilo* (1877-1882), revista quinzenal patrocinada pela recentemente criada Sociedade Portuguesa para a Protecção de Animais (1875) e impressa na Tipografia. Os Wood eram membros da Sociedade, o que se relaciona com o facto de Francisca também haver utilizado os seus periódicos para denunciar (inovadoramente em Portugal) a crueldade contra os animais, ainda antes da criação da mesma. A tradução foi deixada incompleta. Porém, a comprovar-se que foi ela que a levou a cabo, esta será, juntamente com a comparação do livro de Neuville com *Os Maias*, a revelação das revelações, num estudo muito bem conseguido, pleno de nova pesquisa (vejam-se as copiosas notas e a Bibliografia) a juntar à já anteriormente efectuada sobre esta interessante figura.

Na verdade, além das já referidas, as temáticas de investigação que podem vir a ser abordadas são muitas, como, ainda a título de exemplo, as colaboradoras anglo-portuguesas de Wood, um estudo detalhado dos 102 números dos dois periódicos e a indexação dos mesmos.

Dado o que já nos foi revelado por este trabalho que cruza estudos de imprensa, de género, transnacionais e da história das ideias, ficamos, sobretudo, à espera de mais sobre *Maria Severn* e a tradução de *Jane Eyre*.